



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/10/2019

OS SENTIDOS DE E SOBRE O EMPODERAMENTO FEMININO NA MÍDIA

Julia Rosa Silveira (UNEMAT)

Prof. Dr. Paulo Cesar Tafarello (UNEMAT – NEAD – CEPAIA)

RESUMO: O presente artigo, como parte de um trabalho maior, tem por finalidade analisar os discursos sobre o empoderamento feminino. Discursos esses onde os sentidos de empoderamento que vem circulando na sociedade apresentam forte tensão discursiva, fazendo com que o termo seja utilizado em diversas situações que nem sempre parecem representar e/ou trazer a noção de empoderamento feminino. Porquanto, a AD, negando a transparência da linguagem, ocupa-se dos processos de produção de sentido fundamentado em determinações históricas-sociais, levando em conta as condições de produção como fatores contribuintes da interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Empoderamento. Discurso. Feminismo. Produção de sentido. Linguagem.

ABSTRACT: The purpose of this article, as part of a larger work, is to analyze the discourses on female empowerment. These speeches where the meanings of empowerment that has been circulating in society present strong discursive tension, making the term used in several situations that do not always seem to represent and / or bring the notion of female empowerment. Because, DA, denying the transparency of language, deals with the production processes of meaning based on historical-social determinations, taking into account the conditions of production as contributing factors of interpretation.

KEYWORDS: Empowerment. Speech. Feminism. Production of meaning. Language.

Introdução



A mulher, desenvolve atualmente várias atividades para as quais não tinha acesso num passado não muito distante. Nesse contexto, a mulher sempre fez, prioritariamente, parte do espaço privado da família tradicional, ou seja, ela era responsável por cuidar da casa, dos filhos, das roupas e do marido. Para Tavares (2012, p. 06), o homem por sua vez, fazia parte do espaço público, o mesmo realizava atividades mais prestigiada socialmente, e era estabelecido como um ser político, ou seja, ficava reservado a ele a esfera produtiva, o que indubitavelmente gerava uma relação desigual entre os sexos, fazendo com que as relações sociais entre eles se apresentassem de forma hierarquizadas, marcadas pela exploração e opressão de um sexo em superioridade absoluta ao outro. Podemos dizer que enquanto o homem era a face pública a mulher era a face privada.

Porém, com as mudanças sociais ocorridas principalmente na década de 60 e no início da década de 70, Tavares (2012, p. 11) afirma que a mulher consegue começar a adentrar na vida social/profissional pública. O feminismo enquanto movimento social, teve papel fundamental na luta pela inserção da mulher no domínio público. Entretanto, Tavares (2012, p. 40) afirma que as mulheres foram e continuam sendo objetos de opressão em todas as partes do mundo. Como é possível perceber ao longo da história, elas são suprimidas do prazer sexual, de mostrar o rosto, são escravizadas e prostituídas etc. Isso ocorre, porque vivemos numa sociedade onde a cultura de objetificação é disseminada e está enraizada. Segundo Belmiro (2015, p. 2), a objetificação é o ato de aniquilar o psicológico e o emocional do ser humano, tirando ele de sua posição enquanto sujeito, dono de suas próprias vontades e desejo e o colocando como objeto passivo.

Se faz necessário falar aqui sobre a objetificação sexual feminina, que trata o corpo feminino de forma sexualizada, questão que aparece de forma mais nítida em propagandas, principalmente as de cervejas. A questão piora, quando esse fenômeno acaba reforçando estereótipos da mulher, estabelecendo assim padrões estéticos inexistentes, e a consequência disso é o fato de mulheres serem frequentemente submetidas a comparações com esses padrões em ambientes de trabalho, escolas, academias e até mesmo no âmbito



familiar, tendo questionadas a sua altura, peso, cabelo, depilação, dentre outros atributos físicos.

Em espaços onde essa objetificação é mais frequente acaba ocorrendo também outro fenômeno, este afetando diretamente a relação entre as mulheres: a auto-objetificação implica no processo inverso no qual a mulher se cobra pelo alcance físico dos padrões e acaba por cobrar também que outras mulheres busquem o mesmo, causando danos extremos na autoestima. Para Bernardes (2018), o que instiga esse comportamento é a cultura patriarcal/machista que trata a mulher como objeto de satisfação sexual calcada no padrão de perfeição estética. A objetificação da mulher tem como oposição um movimento que se chama empoderamento.

O termo empoderamento feminino é disseminado no Brasil na esmagadora maioria das vezes por mulheres e com caráter de posicionamentos por parte delas em todos os campos sociais, políticos e econômicos, é visto como a consciência coletiva, expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero. Para Bernardes (2018), o empoderamento feminino é um caminho para que as mulheres tenham um poder pleno na sociedade. Sendo assim, acaba se tornando uma consequência do movimento feminista

Tomando como base o dispositivo de interpretação da Análise de Discurso, buscamos compreender a não transparência da linguagem, deslocando assim o modo como concebe-se comumente a linguagem. Negar a transparência da linguagem é, no dizer de Orlandi (2012, p. 26), negar a “perspectiva de atravessar simplesmente as palavras para encontrar, através delas, sentidos que ali estariam depositados, esta é uma ilusão de conteúdo”.

– Partiremos da noção sobre empoderamento: O educador brasileiro Paulo Freire, desenvolveu ao longo de sua vida, alguns conceitos, dentre eles a expressão “Empoderamento”. Embora essa palavra já existisse no dicionário Inglês Empowerment, ele deu um novo sentido à essa palavra. Numa busca rápida pelo dicionário Oxford é possível obtermos a seguinte definição: *1. the process of giving a group of people more*



freedom or rights: This approach to management emphasizes the empowerment of workers to make decisions. The government's economic empowerment program aims to create jobs and raise living standards in the poorer communities. 2. Tradução: o processo de dar a um grupo de pessoas mais liberdade ou direitos: Essa abordagem de gerenciamento enfatiza o empoderamento dos trabalhadores para tomar decisões. O programa de empoderamento econômico do governo visa criar empregos e elevar os padrões de vida nas comunidades mais pobres. Ou seja, é o ato de empoderar alguém, dar poder/permissão para alguém realizar alguma coisa.

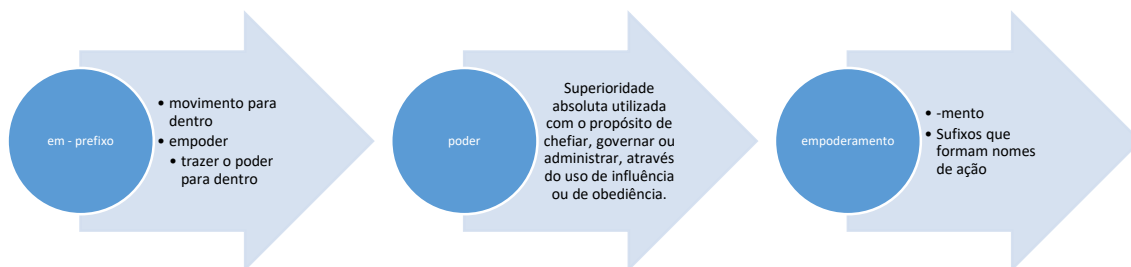
Paulo Freire, trouxe essa palavra ao Brasil e modificou o conceito, afirmando que Empoderamento é a capacidade de um indivíduo de provocar em si mesmo as mudanças necessárias para evoluir e para se fortalecer. No Brasil, o conceito de Paulo Freire é o mais difundido. Portanto, o Empoderamento feminino no Brasil, tem a ver com o movimento que visa divulgar a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher. Ele tem relação com o movimento “que reflete e divulga a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, englobando teoria, prática, ética e torna as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo” (TEIXEIRA, 2015, p. 23). Ou seja, é uma consciência coletiva, que visa a equidade entre os gêneros.

Para Cortez e Souza (2008, p.172 apud Léon (2001)) empoderar é sinônimo de ter o poder se si e poder exercê-lo em todos os âmbitos. Mas não se limita a uma causa individual, e sim, se estende a tudo que a mulher pode fazer para fortalecer o feminino e de fato desenvolver a igualdade de gênero onde, infelizmente, as mulheres ainda são minorias. Aqui, cabe ressaltar a importância da representatividade. A mulher negra ocupando um cargo político, as mulheres mais “cheinhas” sendo modelos, a mulher adentrando no mundo esportivo, tudo isso atinge e dá força para a minoria. Se por um lado os sentidos das palavras não residem nelas mesmas, mas sim no todo complexo discursivo que envolve o momento da sua enunciação, por outro podemos afirmar que determinadas palavras, quando tomadas como discursos, refletem um determinado espaço discursivo.



O termo “empoderamento”, ao passo que tem a sua significação no sentido de que há a tomada de si por um determinado sujeito, conforme conceituado por Freire - capacidade de provocar em si as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer, por outro, quando colocado em circulação o termo passa a mobilizar esses sentidos voltados para categorias sociais discursivamente desfavorecidas, ou seja, fala-se de empoderamento do negro, da mulher, das pessoas cujo corpo não está no padrão imposto pela sociedade, mas não se produz sentidos de empoderamento para categorias cuja relação com o poder já é intrínseca. Não se fala em empoderamento masculino, por exemplo. Ou ainda, em empoderamento do modelo tradicional de família. Esses grupos já estão ligados ao poder de tal forma que o poder lhes é dado pela estrutura social, ao passo que as categorias que reivindicam igualdade de oportunidade acabam por buscar ocupar esse espaço. Se a sociedade não lhes concede o espaço de forma igualitária, eles o buscarão para si.

A própria constituição do termo aponta para esse tipo de circulação discursiva. O termo *poder* formulado com o prefixo *em-* e o sufixo *-mento* trazem uma estrutura que pode ser esquematizada da seguinte maneira:





O Empoderamento, na visão de Bernardes (2018), é remetido muitas vezes ao feminismo, uma vez que estão de certa forma ligados, mas são coisas diferentes. O Feminismo é uma luta ideológica e social com viés emancipatório das mulheres, que defende a igualdade de direitos entre os gêneros. Para de Bernardes (2018), o Empoderamento, é a conscientização coletiva entre as mulheres, são ações que elas tomam para demonstrar que não devem ser inferiorizadas por serem mulheres, e têm atitudes que visa combater o machismo. É comum, ouvir mulheres dizerem que são empoderadas, mas não feministas, é preciso deixar claro então que o que elas têm em comum, é que ambas querem alcançar o mesmo objetivo: fortalecer a igualdade entre os gêneros.

Visto discursivamente como um grupo de mulheres enfurecidas que querem ficar nuas, ou querem mostrar seus pelos em fotos, ou sua menstruação, o feminismo acaba enfrentando dificuldades uma vez que devido à essa imagem, muitas mulheres têm receio de abraçarem essa causa, de lutarem com elas, e então se assumem não feministas. Devido a isso, segundo de Lara (2019), o mercado tem vendido um feminismo mais leve, mais sutil. No mundo sertanejo (feminejo), é possível ver um grupo de mulheres cantando sobre não precisar do homem, ser independente, mandar o homem que trai embora, não ser submissa, etc., como Marília Mendonça, Simone e Simária, Naiara Azevedo, Paula Fernandes, etc. Elas, segundo de Lara (2019), não se assumem feministas, mas, propagam um discurso completamente feminista, só que de forma mais sutil. Bruna afirma que são afirmações simplistas e ingênuas, mas que alcança um público de mulheres muito maior do que a ideologia do Feminismo. É claro que o fato de uma letra musical que fala sobre “tá pra nascer quem manda em mim” seja fácil de cair no gosto popular, entretanto, para de Lara (2019), não significa que a pessoa é feminista por concordar com esse tipo de letra, o feminismo é muito além disso, Lara (2019) afirma que é necessário ir além da ideia de libertação individual. Enquanto o movimento feminista assusta a maioria das mulheres, o mercado trabalha em torno da palavra Empoderamento.

Entretanto, existe uma outra vertente se opondo ao Empoderamento feminino (corporal), para Bernardes (2018), enquanto muitas acreditam que a Anitta se empodera



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019

Artigo aprovado até 15/10/2019

exibindo o corpo quase nu, a mulher brasileira, permanece estereotipada pelo turismo sexual, pela objetificação, e refém de cirurgias plásticas, servindo apenas para o prazer masculino. Vivemos num contexto cultural onde o corpo feminino é tão exigente e objetificante, que esse exemplo como o da Anitta de naturalização do corpo feminino, segundo Bernardes (2018), é tratado na maioria das vezes como mais um espetáculo, principalmente pelo marketing.

A questão piora, quando esse fenômeno acaba reforçando estereótipos da mulher, estabelecendo assim padrões estéticos inexistentes, e a consequência disso é o fato de mulheres serem frequentemente submetidas a comparações com esses padrões em ambientes de trabalho, escolas, academias e até mesmo no âmbito familiar, tendo questionadas a sua altura, peso, cabelo, depilação, dentre outros atributos físicos. Em espaços onde essa objetificação é mais frequente acaba ocorrendo também outro fenômeno, este afetando diretamente a relação entre as mulheres: a auto-objetificação implica no processo inverso no qual a mulher se cobra pelo alcance físico dos padrões e acaba por cobrar também que outras mulheres busquem o mesmo, causando danos extremos na autoestima. O que instiga esse comportamento é a cultura patriarcal/machista que trata a mulher como objeto de satisfação sexual calcada no padrão de perfeição estética. Segundo Tafarello (2015, p. 23) o corpo feminino sempre esteve no foco do debate acerca do papel da mulher na sociedade..

Os sujeitos (Pêcheux, 1998) significavam o corpo feminino a partir das estruturas sociais controladas e definidas pelo homem. Dessa forma as “regras” estavam imersas no universo masculino, mesmo que oficialmente não ditadas por ele, mas a partir dele, em que o corpo feminino “preferencial” era delineado e rotulado como perfeito ou imperfeito, variando os elementos que determinavam essa perfeição com a época. O corpo feminino era preparado, desenhado e determinado a seguir um padrão que agradasse ao homem.



Ainda segundo Tafarello (2015) os sentidos de mulher são historicamente acompanhados de sentidos que se pressupõem estabilizados, sejam eles como propriedade – fulana é mulher de fulano, e um

“conjunto de regras determinadas para os sentidos de mulher sejam acompanhados dos sentidos “de respeito”, “de família”, “para casar”, “boa esposa”, etc. criando assim um círculo no qual os sentidos de mulher circulam ao redor de um núcleo determinado, o homem que a qualifica e por ela é qualificado em função do cumprimento dessas “regras”. Essa qualificação discursiva indica que a mulher “segue” as regras a ela impostas”.

Assim, o corpo feminino ao ser colocado em exposição acaba sendo tensionado pelo encontro de sentidos entre o empoderamento e a objetificação. Ao mostrar-se nua socialmente por força e vontade, a mulher é lida por si como um sujeito que se rebela contra as regras que lhes são impostas pelo discurso machista dando a si mesma o poder de decidir sobre o seu corpo. Por outro lado, a forma como a mulher é lida pela sociedade acaba por objetificar seu corpo, ou seja, produzir sentidos de erotização e disponibilidade da mulher. Em ambos os casos, o sujeito mulher é deslocada discursivamente das regras impostas pela sociedade. A diferença é que no primeiro caso, desloca-se para significar a partir dos sentidos de dona de si e no segundo caso, é deslocada discursivamente para o campo do interdito: aquele que diz o que a mulher não deve fazer com seu próprio corpo.

Portanto, observamos que o corpo feminino ao ser exposto acaba sendo tensionado pelo encontro de sentidos entre o empoderamento e a objetificação. A mulher, ao posar nua, por vontade própria, está demonstrando a si mesma que é um sujeito que vai contra as regras impostas e aceitas pela maioria das mulheres, e que as regras sobre o corpo dela, quem dita é ela própria, concedendo a si mesma o poder de fazer o que quiser com o seu corpo. Em contrapartida, a mulher é lida pela sociedade de uma forma bem diferente, o corpo dela, é reduzido a um objeto, e passa a produzir sentidos de erotização e disponibilidade da mulher, o que faz com que a sociedade defina o que a mulher pode ou não fazer com o seu próprio corpo.



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Augusto. Empoderamento: o que significa esse termo? Politize, 18 de julho de 2019. Disponível em: Acesso em: 23 abr. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BERNARDES, Sofia. O empoderamento individual e o espetáculo do corpo feminino. Pague Medium. 10 de junho de 2018. Disponível em: Acesso em: 23 abr. 2020.

BUTLER, J. (2003). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CAMBRIDGE. Dicionário Cambridge. Disponível em: Acesso em: 23 abr. 2020.

COULANGES, F. de. A Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Hemus, 1996.

LARA, Bruna. Como o feminismo de mercado engana você. The Intercept Brasil, 15 de janeiro de 2019. Disponível em: < <https://theintercept.com/2019/01/15/feminismo-feminejoempoderamento-de-mercado/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

O GLOBO. Com o 'vai malandra', Anitta divide opiniões: Empoderamento feminino ou objetificação?. O Globo. 20 de dezembro de 2017. Disponível em: Acesso em: 23 abr. 2020.

ORLANDI, ENI PUCCINELI. Análise do discurso: princípios e procedimentos/ Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento? Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi [et al.]. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PRIORE, M. Del (org.); BASSANEZI, C. (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.



Edição nº 28 – 2º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/06/2019
Artigo aprovado até 15/10/2019

TAVARES, Sônia Prates Adonski Tavares. A evolução da mulher no contexto social e sua inserção no mundo do trabalho. 2012.44f. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de História da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, 2012. Disponível em: Acesso em: 23 abr. 2020.